



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



Desafiando o fio da escrita


Mês de Maio de 2024

Nova Atena



Desfiando o fio da escrita

ÍNDICE		
AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Faustino Vital	Um certo mal estar	2
Fernando Baptista	O castigo de ser	3
Fernando Baptista	Rir é resistir	4
Francisco Lourenço	Luz da candeia	5
Jerónimo Pamplona	Muitos são os caminhos que vão dar ao quarto	6
Jorge Fonseca de Almeida	O Leopardo	7
Jorge Fonseca de Almeida	O Leopardo 2.0	8
José Eduardo Marques	For you my Darling	9
José Eduardo Marques	Lisboa tristes turistas	10
José Eduardo Marques	Puro afecto	11
José Eduardo Marques	Um jantar do outro mundo	12
Luísa Machado Rodrigues	Os Livros	13
Maria de Lourdes Santos	Folhas	14
Maria Silveira	Livro	15
Marina Brandão Lucas	Crepurizão	16
Mitú Branco	Eva	17
Mitú Branco	Não quero voltar à Terra	18
Pilar Encarnação	Reflexão	19
Regina Ferreira	Mulher	20
Vasco Patrício	Tu sabes que a humanidade é mais gente do que tu	21
Vasco Patrício	“Eu vi Abril. Abril que ganha e Abril que perde”	22
Vítor Carvalho	Montanha	23
Vítor Carvalho	No auge da sua Beleza - Jacarandás	24



Desfiando o fio da escrita

Um certo mal estar

Alguns falam pelas esquinas
Outros em jantares de partido
Ainda e sempre mais em comícios
E todos juntos no parlamento

Dizem-se frases desgarradas
Ouve-se a direita bem gritante
Provoca-se a esquerda muda
Vamos mal em passo de gigante

Clama-se contra os indefesos
Já cheira muito a xenofobias
Abril de cravo fez-se contra isto
Olham para o lado e, assobias

Lá vai bom tempo, muitos anos,
Será que o nosso Abril esmoreceu
Que os cravos sempre vermelhos
Durem todo o ano, e sim floresceu

Separa-nos o grande azul oceano
Terra quente, grande de não ter fim
Está na hora, não demores Chico,
Manda tu para cá um cheirinho a alecrim

Faustino Vital



Desfiando o fio da escrita

O castigo de ser

Segundo o dicionário, felicidade é o estado de quem é feliz, um sentimento de bem-estar e contentamento. Os filósofos associam a felicidade com o prazer, com os sentimentos e emoções. O castigo é o uso deliberado de dor física ou psicológica a uma pessoa como punição por determinado comportamento.

Em tudo que me rodeia, em tudo que sou centro, eleva-se a consciência de um tempo que só a mim pertence.

Desde muito novo, aprender o solfejo, cantar no coro jovem do Círculo Cultural com o maestro Joel Canhão, aprender dicção e principalmente participar no grupo amador de teatro da JOC.

Várias peças retenho ainda o nome; O ser humano; O vizinho de cima; Os vizinhos do rés do chão; Aqui há fantasmas; Doidos com juízo; Os supersticiosos; Vários autos de natal; récitas de finalistas da escola; com elas percorríamos grande parte do ribatejo.

Uma época profícua e de grande intensidade de palco, participava igualmente nos actos de variedades com danças cantares, poesia. Esse tempo feliz sinto hoje passou muito depressa.

Na vinda para Lisboa uma saudade e tristeza desse tempo. Para compensar a solidão desses dias ouvi falar na Academia de Santo Amaro e no teatro amador que por ali se fazia. Em boa hora ali me dirigi. Era o momento de escolherem os protagonistas para uma nova peça e consegui entrar e interpretar o principal papel.

Veio então o casamento e três meses passados, a tropa. Foi o fim dos momentos felizes com o teatro. Um ano no continente e dois e pouco no chamado ultramar. Os dias demoravam demasiado a passar.

Finalmente o regresso à família, comecei a viver outro amor com a vivência diária do primeiro filho nascido ainda antes de embarcar no Vera Cruz.

Ao fim de 46 anos de trabalho chegou o momento da reforma e com ele a descoberta da Nova Atena. A descoberta da alegria dos jograis e de novo o entrar em palco para interpretar a figura de um padre. A personagem era o menos importante, a alegria era o de voltar ao tempo em que o tempo passa depressa.

Por detrás de tudo isto está um ser humano que tem momentos de tristeza, que tem problemas, doenças, dores, porém algo mágico acontece quando incorpora um personagem de cada vez que sobe ao palco, e lá vamos de novo divertir vidas e distribuir sorrisos.

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

Rir é resistir

Num local algures no mundo, existe no centro de um pequeno recinto uma grande pedra arrancada da montanha, onde está gravada a seguinte quadra:

“Tu que podes, volta atrás,

Disse-me o rio, chorando;

As montanhas que tu tanto amas

Lá em cima te estão esperando”.

Estes versos parecem só ter uma referência imediata à geografia do local, mas acredito terem um significado mais humano e universal. A vida que vai passando, (e como ela passa), a cada instante nos coloca perante os nossos pais, que nos deram o ser; os nossos educadores, que nos formaram; aqueles amigos de sangue ou não, que tanto enriqueceram a nossa existência. Alguns já foram, mas deixaram-nos a possibilidade de os recordar, de nos aproximarmos deles com a nossa admiração, a nossa gratidão, o nosso reconhecimento.

Eles são na nossa memória as tais montanhas do poema, das quais descendemos. No seu caminho para o mar, o rio, reconhecido das suas origens, não tinha a possibilidade de lá voltar para lhes agradecer, e, por isso, chorava.


A gratidão é a mais agradável das virtudes, mas nem por isso a mais fácil. Quantas memórias onde as notícias não eram as melhores. As memórias são cultivadas no terreno fértil das amizades que marcam. Nos recantos do quotidiano, puxando pelas pessoas, obrigando-as a pensar e fazer coisas. Esta urgência das palavras e dos actos.

Bateram à porta de madrugada! Numa madrugada de Outono. Foi uma espécie de mistura explosiva. A tua alegria de viver, frente ao impossível viver, que te deixava exausto por dentro. Nós, jovens de 13 ou 14 anos, naquela segunda-feira em que regressavas, sentíamos renascer em ti um homem novo, e rias, pois dizias que rir é sempre a melhor forma de resistir. A alegria no teu rosto, o teu sorriso aberto, a voz franca, e, quando nos juntávamos, a sabedoria no que dizias e fazias. Era a sabedoria de quem muito estudou e sabia, e no cimo da montanha ria e resistia na enormidade das coisas pequenas e simples.

O homem eterniza-se na obra feita, na boa memória que deixa, na alegria que oferece, no amor que deu, em tudo que ensina, e principalmente no fogo bem vivo que habita dentro de quem com ele conviveu.

A gratidão é esta alegria da memória, este amor do passado, não o sofrimento que já não existe, nem a pena do que não existiu, mas a recordação alegre do que existiu.

Fernando Baptista



Desfiando o fio da escrita

Luz da candeia

Anos idos de 1948, longos anos já lá vão
Foi à luz de uma candeia que vi o primeiro clarão!

A candeia me alumiou, com ela aprendi a ler
Essa luz não me deixou, com ela comecei a escrever!

Com a candeia a petróleo, ia para o quarto dormir
Quando ela se apagava, o sonho vinha a sorrir!

Finalmente deram-se os “klikes”, ao ligar os interruptores
A candeia ficou guardada, iluminaram-se os doutores!

A candeia foi a luz, que iluminou gerações
Num país muito atrasado, ansioso por revoluções!

Sempre muito controlados, por se ter a luz acesa
Se não a estão a utilizar, apaguem já essa despesa!

A candeia foi rainha, por Portugal, nas aldeias
Outras luzes se acenderam, apagaram-se as candeias.

Ai que saudades eu tenho de ti minha aldeia!

Francisco Lourenço



Desfiando o fio da escrita

Muitos são os caminhos que vão dar ao quarto

Pois são. Então vejamos quais foram os “caminhos” que, ao longo dos tempos, nos foram levando até ao quarto:

Das nossas habitações – Para dormir a noite toda, a sesta, para relaxar, para ver filmes interditos a menores, adolescentes e seniores em idade avançada e, não menos importante, fazer “amor” com a nossa amada(o).

De Hotéis ou Motéis – Depende da finalidade e do tempo que se pretende para a estada: Congressos científicos, Seminários leigos ou religiosos, (ex. Cursilhos de Cristandade, chegados a Portugal na década de 1960), “headhunter” (recrutamento de altos quadros para empresas), reuniões de negócios, cursos sobre técnicas de comunicação, jogos de batota entre amigos, jantares de Natal e de fim-de-ano, encontros sigilosos entre amantes.

Porém, há quem não tenha habitação própria nem dinheiro para frequentar hotéis, nem sequer motéis. São os “sem abrigo”. Esses, dormem na rua, debaixo de telheiros ou em vãos de escadas. Há também quem viva debaixo de telhas, mas em condições deploráveis. Deixem-me dar-vos dois exemplos:

Notícia da Lusa de 22/4/2024 – «PSP identificou 14 homens por habitarem em casa sobrelotada com “recurso a beliches”, na freguesia de Santo António, em Lisboa. Após acesso ao espaço, foi possível verificar que havia notórios vestígios de ali residirem, pelo menos, 25 pessoas».

Vou também contar-vos uma pequena história da Maria Dulce, a “Resistente” (nome fictício, história real) que aconteceu em 1960.

“A Companhia das Lezírias, localizada na margem esquerda do rio Tejo, contratava trabalhadores agrícolas, femininos e masculinos, para trabalhos que englobavam sementeiras, mondas e colheitas. Estes trabalhadores que vinham do Norte eram apelidados de Gaibéus pelos autóctones. O trabalho era muito violento. Os dias sucediam-se uns aos outros numa rotina programada ao milímetro. De manhã, antes do Sol raiar, toda a gente se dirigia para a formatura ao som estridente de um apito. Em duas filas seguiam o capataz que lhes ia indicando o local exato e a empreitada destinada para aquele dia. No pequeno-almoço, comiam as sobras da noite anterior, regressando, às 13 horas, ao barracão, para comerem o almoço, seguindo, depois, para retomarem a empreitada com início às 14 horas e fim ao pôr do Sol. Após o jantar, antes de se retirarem para a “mota” (nome dado ao barracão) para pernoitarem “dormindo, homens de um lado e mulheres do outro”, no chão em cima de palha; deviam guardar as sobras para o dia seguinte e preparar os alimentos para o almoço, que lançavam numa panela de ferro identificada que era entregue a uma cozinheira que a pendurava, lado a lado, com as outras num ferro colocado sobre a fogueira que os iria cozinhar. Deste modo, quando os trabalhadores vinham almoçar, a refeição já estava pronta. “Não perdiam tempo, era só comer e trabalhar! Ah, também lavavam a sua própria roupa e compravam, através de vendedeiras locais, todos os géneros alimentícios que iam desde o pão até à hortaliça, batatas, ovos e carne (pouca)”.

Jerónimo Pamplona



Desfiando o fio da escrita

Leopardo

Em caminho de terra

Dura

Negra

Seca

Reta traçada na planura

Aberta

Pacífica

Viva

Avança o leopardo

Cinzento


Sombrio

Letal

De metal

Mostro Assassino

Jorge Fonseca de Almeida



Desfiando o fio da escrita

Leopardo 2.0

Fogem as lebres selvagens

Susto

Medo

Terror

Caem os pássaros campestres

Atordoados

Mutilados

Decepados

As crianças pequenas

Fecham os olhos

Tapam os ouvidos

Apertam as mãos

Choram

As mulheres adultas

Protegem os filhos

Tratam os velhos

Morrem

Os homens corajosos

Gritam

Sangram

Morrem

O leopardo cinzento


Ruge

Vomita

Mata

E a Europa aplaude divertida

Jorge Fonseca de Almeida



Desfiando o fio da escrita

For you my Darling

Para ti meu amor, meio real meio inventado, construído de tantas e tantas pequenas coisas e outras tantas grandes, o que só muito mais tarde o viemos a saber.

Amor cimentado numa cumplicidade sem medida certa, num entendimento construído pelo dito e o não dito, por vezes expresso em voz clara e límpida e outras apenas balbuciado, comunicação quase em código secreto alimentada por silêncios apaziguados e por falas faladoras, risos e sorrisos ora tolos e fúteis ora mais sérios e fundadores, pela troca e pela partilha comungadas numa prece não rezada, porém com os olhos postos num céu tão azul e sereno, quase irreal e transcendente.

Amor transmitido numa sintonia inaudita e inesperada, numa presença calorosa e amável, das quais não nos dávamos conta, pois, então, eram apenas o fluxo natural da vida no seu caminho, passageiro e transitório como todos os caminhos.

Agora que estás mais longe, ausente num universo sem endereço certo, mas presente a cada dia como antes, um amor inacabado e impermanente terá de continuar a ser construído na urgência da *Invenção do Amor* em todos os locais, a todas as horas e todos os dias.

Autor Anónimo



Desfiando o fio da escrita

Lisboa tristes turistas

Em pleno Verão, julho vai a meio e Lisboa/Baixa e Belém, como vem sendo hábito, enchem-se de turistas, às carradas inundam as ruas, largos e vielas numa corrente que flui como um rio, cheio e imparável no oposto dos verdadeiros rios por esta altura do ano. De nascentes diversas, soam as mais variadas línguas, que traduzem modos de vida e hábitos diversos, enchem os espaços públicos e suplantam os locais, parecem felizes e dão outra nova vida à cidade, às cidades se olharmos pela Europa fora.


Os lisboetas, acoçados pelas multidões, começam a dar sinais de alguma impaciência, um olhar lançado de esguelha e já com um acinte menos acolhedor, talvez já com laivos de hostilidade, em surdina não verbalizada, de interrogação e talvez de receio pela invasão e por tantas outras coisas com que se confrontam nas suas vidas diárias. Alheios ou alheados das notícias diárias, por estes dias, sobre os números, os índices e os indicadores que parecem mostrar as maravilhas que esta invasão transporta.

Indiferentes ou desconhecedores deste sentir, os turistas, esfalfados, calcorreiam os bairros históricos, esmagados e encharcados em suor que pinga em bica, lutam para conseguir um lugar nos elétricos mais famosos da cidade, que não podem perder, enfileiram-se nas pastelarias tornadas um must para degustar os pasteis mais famosos, comem e bebem e fazem tudo o que lhes é recomendado, por jornais, televisões e redes carregadas de fotos felizes, de lugares maravilhosos, de sorrisos sorridentes, de alegrias e de tudo o mais que lhes formata os gostos, os desejos e as vontades, que os prende em modelos pré fabricados que a indústria germina e fomenta, para ganhos futuros.

Passear com eles nos elétricos e autocarros, num traje turístico disfarce hoje corrente, revela-se um trabalho de campo antropológico de observação participante, rico em muitos ensinamentos. Muitos não parecem interessados na arquitetura da cidade nas belas fachadas de prédios ou monumentos, menos ainda nos poucos locais que se vislumbram. Como que alheados de tudo o que os rodeia, fixos e agarrados aos devices que jamais largam e sem os quais parecem perdidos, estão como que encerrados numa bolha que, de igual modo, os poderia envolver em qualquer parte do mundo. As selfies e as incontáveis fotos – casuais ou vazias - destinadas ao esquecimento, seriam diferentes, menos ou mais típicas, teriam mais ou menos likes, numa contabilidade aleatória fabricada algures numa fábrica do continente asiático por profissionais do Like.

Tristes, talvez não, muitos e muitos seguramente que não, afinal esta é a semana do sonho prometido e alimentado, no mar das incertezas, no desconforto dos conflitos que quase semanalmente rebentam, nos cenários de guerra, servidos num menu sortido onde os ingredientes ganância, poder e dinheiro, nunca faltam, a par da eterna hipocrisia, omnipresente. Pode ser um sonho, mas normaliza a vida e desperta o desejo de que o futuro possa ser diferente, talvez melhor. O fado pode ser outro, tristeza não.

José Eduardo Marques



Desfiando o fio da escrita

Puro Afeto

Serão na ordem dos milhões as fotografias hoje tiradas em todo o mundo, incluindo os inevitáveis selfies, muitas perdidas logo a seguir, pois ao clique que as tirou, segue-se outro que as leva ao esquecimento do dia seguinte. Todavia, algumas permanecem na nossa memória privada ou viram ícones coletivos, porque de alguma forma nos tocaram, emocionaram e nos transmitiram um sentimento mais intenso capaz de nos comunicar o incomunicável, para além do escrito ou relatado.

Neste ano particular, em que uma terrível crise sanitária se juntou a tantas outras, umas já antigas, outras acabadas de nascer, como parentes colaterais que também querem estar presentes no palco central em que se transformou a vida política e social a uma escala global. Quase tudo nos é apresentado como um espetáculo, importando tiques e modos do showbiz, como se de um happening se tratasse, num desperdício hipócrita e arrogante que esquece ou quer ignorar os milhares de milhões de seres humanos que “vivem” numa invisibilidade insustentável e chocante.

Por vezes, este “estado de coisas” desenrolar-se num sentido descendente, em direção a um qualquer abismo que desconhecemos, onde a violência quotidiana nos é servida como prato principal, gritada aos ventos que varrem o planeta em ondas sucessivas de desgraças, desesperos e impotências, que nos revolvem por dentro e nos trazem numa angústia permanente que nos anestesia de dúvidas, interrogações e aflições várias. Neste cenário bipolar, de seguida vêm os momentos de euforia, quando uma descoberta milagrosa surge ou a eleição de um dirigente mundial decente acontece, então, todos os sinos voltam a tocar e as novas estrelas parecem apaziguar as consciências e, provisoriamente, renasce a esperança e tudo volta a parecer, de novo, ser possível.

Foi num momento depressivo e angustiado que uma nova desgraça nos bateu à porta, no verão quente - de um calor de morte - de 2017, e nos trouxe mortos inesperados. De um cenário apocalíptico saíram, uma estrada da morte e uma explosão de fotografias de todos ângulos da tragédia. Uma foto em particular prendeu-me o olhar, transmitia o invisível, que não se pode nomear. Um homem, na casa dos setentas, abraça uma mulher, de aspeto simples e mais velha, rostos assinalados pela vida e pelo tempo, os olhares baixos expressam dor e tristeza, expressões serenas que parecem dizer neste momento estamos juntos somos apenas seres humanos. Quadro que nos interpela com tal força e poder que somos obrigados a olhá-los nos olhos e a participar daquele instante. O amor e a compaixão falam-nos tão alto que é impossível não os escutar.

Talvez apenas um detalhe, ele é o PR do país.

José Eduardo Marques



Desfiando o fio da escrita


Micro-Histórias de cada dia

Um jantar do outro mundo

Um título de jornal, um dos milhares que todos os dias nos passam à frente dos olhos, por vezes, alguns, parecem-nos não ser críveis, possíveis ou aceitáveis. Este foi um deles. Rezava mais ou menos assim, numa liturgia pagã despudorada: jantar por 2000€ por cabeça, dos 5000 inscritos, restaram 160 (in)felizes sorteados, para um teste gastronómico de sete horas. Um desperdício inqualificável, protagonizado por egos inflamados à procura de serem eleitos semideuses, num exibicionismo bacoco, servido em cama vazia e adornado por um palavreado oco que se esforça, até ao desespero, na procura de algum sentido que possa fazer sentido. As 52 “impressões”, como por lá se designam os pratos com comida dentro, foram acompanhados por um sem número de sons e imagens projetadas em 3D, exibidas na cúpula do templo gastronómico, numa parafernália indigesta, talvez contrária ao silêncio divino que seria mais inspirador.

Um título de jornal, que concentra todo um mundo contraditório, ao contrário, desigual e injusto, por entre os cabeçalhos diários das guerras, das fomes e outras catástrofes que nos assolam todos os dias.

José Eduardo Marques



Desfiando o fio da escrita

Os Livros

Anda, anda... diz o **a** ao **b**. Baila, baila... diz o **b** ao **c**. Corre, corre... diz o **c** ao **d**.

Dança, dança... diz o **d** ao resto das letras que fazem o **abecedário**, a fila de todas as letras.

Como são lindas as letras! Umhas grandes, umhas pequenas. Com muitos feitios, mexem-se de um lado para outro, andam e desandam, bailam, correm e dançam.

Juntam-se as letras e formam palavras, com as palavras nascem frases e com as frases se fazem livros. Livros de histórias, livros de versos. Livros que os meninos leem, livros que os grandes leem. Livros que divertem, livros que ensinam.


Era uma vez... Assim começam as histórias. Histórias de reis e rainhas. Histórias do tempo em que os animais falavam. Histórias de índios e *cowboys*. Histórias do antigamente, histórias de agora, histórias do futuro.

Muitos livros, muitas histórias. Histórias que o papá conta, histórias que a mamã lê. Histórias de adormecer, histórias de brincar. Histórias do avô, histórias da avó.

Livros de histórias no dia dos anos, livros de histórias no dia de Natal. Livros, as prendas queridas. Livros, os grandes amigos em casa, na escola, nas férias... Livros, a companhia de todos os dias.

Obra de escritores, de poetas, de contadores de histórias, os livros não deixam os meninos ficar sós, são a alegria de pais, padrinhos e avós, são bons companheiros de todos nós!

Luísa Machado Rodrigues



Desfiando o fio da escrita

FOLHAS

Chegou MAIO, a Natureza renova-se e, sem represálias, ainda nos prenda com lindas flores. A generosidade natural a ensinar-nos a gentileza! E nós? Continuamos a agredi-la ou apreciamos o que recebemos? São milagres de cores variadas e perfumadas, rodeadas de folhas.

Hoje reflito no paralelismo entre estas folhas e as folhas dos livros

Através das folhas das árvores processa-se a função nutritiva das mesmas, bem como a renovação do oxigénio durante o dia sob o efeito da luz solar.

Também as folhas dos livros exercem função nutritiva a nível das ideias, contribuindo para a renovação e enriquecimento das mesmas.

Ambas têm funções nutritivas e regeneradoras.

. Quer umas quer outras, estão ligadas aos seus troncos comuns, o que significa que têm ações nos respetivos troncos a que pertencem e onde operam. São ambas obreiras silenciosas a contribuir para os seus muito concretos e respetivos fins.

. As folhas das árvores protegem do calor escaldante, são porto de abrigo do viajante. Também as folhas dos livros são porto de abrigo na viagem da vida, companheiras inestimáveis e facilmente presentes no quotidiano; amigas que nos remetem através das suas mensagens para dentro de nós, numa dinâmica por vezes de segredos, despertares e confidências tão íntimas como o oxigénio que as folhas das árvores nos oferecem e naturalmente respiramos.

. É neste fluxo que reside o encantamento e magia da relação quer com umas quer com outras FOLHAS.

. O livro, apesar de silencioso, pode agitar e alterar conceitos instituídos, provocar tsunamis internos, despertar para a regeneração de modelos até aí não questionados ou ignorados, abrir janelas à imaginação, para paisagens arborizadas cujas folhas aguardam a oportunidade de reforçar o "oxigénio na alma", tornando a respiração mais rica, mais significativa e profunda alterando conceitos.

. Ambas a edificar-nos, a ajudar-nos a crescer!

. FOLHAS, bênçãos a valorizar! Adoro a Natureza frondosa, adoro os Livros edificantes.

Maria de Lourdes Santos



Desfiando o fio da escrita

Livro

Consagrado, ameaçado

Em luta contra o tempo

Resistes, livro...

Neste dia és lembrado

Complemento, não concorrente

Pedes ser do digital

A mãos, aos olhos, cada vez mais voltas

Não importa de quem, género ou idade,

Apenas leitor ou leitora:

Criança que diz *mãe lê uma estória*

E em ti horas encontra de felicidade,

Adulto que guarda quanto leu

A leitura para sempre cultiva e promove

Contigo enriquece seu saber e memória,

Idoso ou idosa nos recantos seus anichados

E em livros mergulhados

Quanta luz dão à condição

De serem aposentados, reformados

De suas vidas verem em ouro transformadas...

Livro,

Companheiro, amante, amigo, professor

Pílula de descoberta, aprendizagem, silenciosa relação

Secreto conversar com o alguém dentro de ti

Autor, interlocutor, artífice de ódios e amor!

Maria Silveira



Desfiando o fio da escrita

CREPURIZÃO.

OS GARIMPEIROS DE OURO

Saímos bem cedo de Santarém, do Brasil, num pequeno avião com destino a um outro mundo, algo diferente. Nem sabíamos o que nos esperava, apenas que desejávamos ir e guardar na imagem uma certa gente remota.


A densa Amazónia, ainda com raras grandes clareiras das queimadas dos dias de hoje, passava devagar lá em baixo, num verde muito escuro, e eu imaginava a onça pintada, a sucuri, o caimão, a perereca, o mico-leão, a arara, que só têm olhos para a sua vida, movendo-se entre as árvores, escondendo-se nos rios, voando com o seu par, atacando com surpresa uma refeição essencial. O céu escurecido, cor de chumbo ameaçador e, num momento único, rebentou a trovoada assustadora. O avião com uma dúzia de passageiros, mulheres na maioria, balançava perigosamente. Nada a fazer, dizia o comandante, que as coisas estão na mão de Deus. Tapei a cabeça com o casaco para os meus olhos não verem a aflição dos outros.

Aterrámos numa pista térrea, bem inclinada, de um lugar chamado Crepurizão. Gente que espera o avião para receber correio e encomendas feitas há muito; outros, que vão começar vida nova, mostram um ar inquieto. Que futuro? Os meus três companheiros de aventura esperaram por uma carrinha de caixa aberta para transporte do material que levávamos. Mais rápida, fui à boleia de um senhor com mota barulhenta, divertida, agarrada à grande barriga do condutor que me deixou ao pé do rio, no fim da única rua de terra batida. Era necessário arranjar um barquinho de fundo chato que nos levasse pelo Rio Crepuri acima, ou abaixo, para filmar os garimpeiros de ouro de que nos tinham falado. E também um lugar para dormirmos duas noites. Nós e os muitos mosquitos. Hotel ? Pois foi o Palace... Crepurizão é uma rua comprida de terra avermelhada, com casas de um lado e outro, como um filme antigo do farwest; índios, negros, cafusos, brancos, mestiços, sorrisos de dente de ouro vão vivendo por ali. Prostituição, barracas de jogo do bicho, armarinho Tapajós, anúncios de carne de sol, lojinhas de compra de ouro com balança afinada, salão de beleza, homens sentados à espera, crianças que conhecem já os caminhos. Alguma miséria que se olha de soslaio para não ofender.

A tempestade chegou ali mesmo naquela tarde. Relâmpagos caíam no rio com raios e muito estrondo. Tal como as casas da rua, o hotel era de tábuas de madeira que deixavam passar linhas de luz fraca e mosquitos pequeninos. As traseiras davam para um barranco de lixo com restos de água parada. A ventoinha do quadrado do quarto girou as duas noites, incansável, numa tentativa de afastar os invasores, mas sem efeito.

De manhã, depois de um mata-bicho e a trovoada acalmada, lá fomos no barco. Rio com grandes pedras redondas como cabeças de gigante... sai do barco ... puxa o barco ... entra no barco ...as águas castanhas de tanta terra remexida pelas grandes mangueiras aspiradoras que os catadores de ouro usavam e o som dos motores, barulhentos. Na margem de uma quase praia, uma jangada, um panapaná de borboletas verde-alface pousadas e, lá estava a gente que procurava ganhar algo na vida. Com fato de mergulho remendado ou sem ele, mergulhavam agarrados às mangueiras. Disseram que alguns não conseguem regressar e vimos neles, no silêncio, os olhos curiosos e medrosos pela nossa presença. O patrão, conhecedor do seu papel principal, sentado debaixo de um toldo de plástico azul forte, de lápis e papel na mão, aguardava os homens e o proveito do dia. Filmámos, conversámos, vimos e regressámos. Pobre mundo. Pobre natureza. O ouro é uma utopia.

Marina Brandão Lucas




Desfiando o fio da escrita

E V A

Mulher

naquele dia tomaste nas mãos um fruto
em vez do riacho de águas calmas
escolheste o mar revolto para nos banharmos
e agora temos gargalhadas
incertezas, lágrimas
rir e folgar
Mas o que vale tudo isso
se ao fim do dia o que desejas
é ir descansar
embalar no colo um filho, um neto
um sorriso, um abraço
uma mão a afagar
E no fim da tua vida
partes com medo que a maçã cobiçada
na árvore perdida
não possas recolocar

Mitú Branco



Desfiando o fio da escrita

Não quero voltar à terra

Não quero voltar à Terra. À Terrinha, como é costume dizer-se. Não quero.

Não quero rever aquelas caras todas. Suportar os comentários. À minha frente bajuladores e quando viro as costas ... arrasadores. Não quero.

Não tenho saudades. Como poderia ter saudades de uma vida triste, sem conforto, sempre condicionada ao que “diz que diz” ? Lutei tanto para virar as costas , para ter coragem de arriscar.

O que esperei, o que lutei.


As pessoas que amava já lá não estão. Umas partiram como eu. Outras já descansam dos desgostos que a vida lhes deu.

É verdade que por vezes me sinto perdida, como que desenraizada . E, no entanto, tenho amigos, um bom emprego, um apartamento confortável.

Não sei bem o que será. Saudades não são. Na verdade, já não sei se são ou não.

Só sei que, felizmente, hoje é sexta-feira. Posso ir beber uns copos, dançar, andar por aí. E quando for para casa estarei tão cansada que cairei em cima da cama fofa, grande, perfumada que sempre desejei e , então, já não me vou importar com nada.

Mitú Branco




Desfiando o fio da escrita

Reflexão

Ventos Suões de poeiras africanas
Vulcões em erupção,
Tornados cada vez mais frequentes,
casas e bens destruídos,
provocam desolação!
Chuvas torrenciais invadem campos,
Transbordam barragens e rios,
inundam aldeias e agriculturas,
levam tudo à sua frente,
gente, animais e bens!
Cenas irreais, quase apocalípticas!
Aldeias totalmente submersas!
Pessoas aguardam salvamento,
bem como animais desorientados.
Cenas únicas de tormento!
Um cavalo mais sortudo,
de pé no extremo de um telhado,
espera por vários dias,
que um barquito de borracha
seja a sua salvação!
Guerras em várias partes do mundo,
Fome, Morte, Sofrimento, Desespero!

Belas auroras boreais em locais bem incomuns!
Super luas em profusão!
Fenómenos que nos obrigam a refletir.
Quem somos? Por onde caminhamos?
Para onde queremos ir?
Que Mundo vamos deixar
Àqueles que estão a vir?



Desfiando o fio da escrita

Mulher

Escrevi no vento a história das mulheres que me rodeiam
e o vento espalhou a notícia da liberdade
A mulher estava como igual nas tarefas
que competiam ao homem
Ombro a ombro no esforço
da coeducação dos mais pequenos
na canseira dos trabalhos domésticos
na fábrica no escritório na escola no hospital
no campo agrário no tribunal
na canseira do cumprimento dos horários
A mulher estava como igual no auferir
do trabalho remunerado
não havia vantagens de um sobre o outro
E no amor
havia cama partilhada
com vontades satisfeitas a dois
porque havia companheirismo
e amor respeitado

Filosofia pensada
Muito desejada
Ainda não conseguida
porque o homem e a mulher são dois seres
que se complementam
mas não são iguais
E estão sujeitos aos ditames culturais
de cada nação
de cada povo

Regina Ferreira



Desfiando o fio da escrita

Eu sei que a humanidade é mais gente de que eu

Pois sabes!

E, no entanto, espraies-te
Em beligerantes futilidades
Desmesurados sofrimentos causados
Agarrado a famigerados elixires
Inconfessáveis

Pois sabes!

E, no entanto, a desumanidade prevalece
A compaixão é-te uma palavra desconhecida
O outro um alvo a abater

Pois sabes!

Ao apelo do teu semelhante
À ameaça ao teu conforto
Como a avestruz escondes a cabeça na areia
O pior cego é sempre quem não quer ver

Pois sabes!

Mas continuas a assobiar para o lado
Enquanto sob o teu olhar
A malevolência discorre Impunemente

Pois não sabes!

Mas a humanidade é um sentimento solidário em relação aos outros, é uma soma de benevolência, bondade, compaixão.

E como o Poeta Sufi do século treze, também tu pudesses dizer:

“ O ser humano é uma casa de acolhimento. A cada manhã chega um novo hóspede: Uma alegria, uma tristeza, uma maldade, que vêm como visitantes inesperados. Dá-Lhes as boas-vindas e recebe-os a todos. Agradece a todos os que te visitam, porque todos te foram enviados como guias para o Transcendente ”

Para uma humanidade, que sim, é mais gente de que tu.

Vasco Patrício



Desfiando o fio da escrita

“Eu vi Abril. Abril que ganha e Abril que perde”.

Tema quente este pensa Zacarias, e sabe que, como em quase tudo na vida, ganha-se ou perde-se. Há quem diga o contrário e que tudo se transforma. E Zacarias transforma, de forma a carpir as suas mágoas. Pega na letra do poema de José Niza “E depois do adeus”, e dá-lhe a volta. Sempre que ouve esta canção cantada por Paulo de Carvalho, a melancolia invade-o, pensa na sua Terra.

“E depois da Terra, adeus”

Eu sabia quem era / o que agora faço aqui / quem me abandonou/quem me esqueceu / Perguntei por mim/ Quis saber de nós **Terra minha**/Mas o mar não me Traz tua voz / Em silêncio, **em tristeza e fim** /Eu te sinto, em flor / **Eu te sofro, em mim** / Eu te lembro, assim/**Partir é morrer** / Como amar é ganhar e perder.

“Eu vi Abril. Abril que ganha e Abril que perde”

Tu vieste em flor / Eu te desfolhei / Tu te deste em amor / Eu nada te dei/**atraçou-me o tempo**/ Em teu corpo terra-amor / **Eu adormeci** / Morri nele /E ao morrer **não renasci**/E depois da terra-amor / E depois de nós / o dizer adeus **o ficar só**/Teu lugar a mais / **tua ausência em mim, minha Terra** / tua paz que perdi / **minha dor que aprendi** / de novo vens sempre em flor a mim / e já não te desfolho / e depois da Terra amar /e depois de nós / **o Adeus, o ficar só.**

E Zacarias como um comum mortal perdeu e ganhou com Abril. Perdeu as Origens, ganhou a Democracia.

Fim de história

Vasco Patrício

“Nada de revoltas: Honremos as idades nas suas quedas sucessivas e o tempo na sua voracidade.”

Victor Segalen

“E depois do adeus”

Quis saber quem sou/*O que faço aqui/Quem me abandonou/De quem me esqueci/Perguntei por mim/* Quis saber de nós/Mas o mar não me/Trás tua voz/Em silêncio, amor/Em tristeza e fim/ Eu te sinto, em flor/ Eu te sofro, em mim/Eu te lembro, assim/Partir é morrer/Como amar/É ganhar e perder/Tu vieste em flor
Eu te desfolhei/Tu te deste em amor/Eu nada te dei/Em teu corpo, amor /Eu adormeci/Morri nele/
E ao morrer, renasci/E depois do amor/E depois de nós/O dizer adeus/O ficarmos sós/*teu lugar a mais/tua ausência em mim/tua paz /que perdi/minha dor que aprendi/de novo vieste em flor/te desfolhei/e depois do amor/e depois de nos/o adeus/o ficarmos sós.*

Letra: JOSÉ NIZA
Música: JOSÉ CALVÁRIO



Desafiando o fio da escrita

MONTANHA

Tinham muita coisa em comum, embora os desafios da vida os tenham levado a patamares diferentes nas carreiras profissionais. Agora, na condição de reformados, encontravam-se quase todos os dias e na mesma zona: jardim da Praça do Império, em Belém, Jardim das Oliveiras, no CCB, ou na esplanada do Museu da Marinha. Para tomar café, conversar e passar o tempo. Respeitavam-se nas suas diferenças. A ideia de que os nossos amigos nos aplaudem até ao momento em que os ultrapássemos não se aplicava a estes amigos de longa data. A sua amizade tinha sido forjada em aventuras de juventude, em cumplicidades e interdependências, que as ligações familiares posteriores não quebraram.

As diferenças entre eles eram também reflexo das vivências profissionais: Juliano, um ex-agente comercial, tinha um pensamento muito saltitante, começava uma frase sem saber o que iria dizer a seguir, falava muito, sobretudo para comentar pessoas que iam passando. Tinha poucas ideias, só falava de coisas ou de pessoas, mas era muito brincalhão, ironizando com uma crítica social sem piedade. Estava sempre inquieto, fazia largos gestos com as mãos, levantava-se para ver melhor quem passava. Ria-se e fazia rir os outros. Celso, gestor e consultor de empresas, era uma pessoa muito diferente, bastante calmo, esticava as pernas e tombava a cabeça na cadeira ou no banco de jardim, muito reflexivo, dissertando sobre tudo e mais alguma coisa, com pensamento estruturado. O terceiro elemento, Tristão, ex-gestor de operações, tinha uma estatura franzina, homem relativamente baixo, muito racional nos seus comentários, ouvia mais do que falava. Sempre com os cotovelos na mesa ou com os braços cruzados, ouvia os amigos e comentava com sentido de humor e de forma desconcertante, com uma lógica de raciocínio imbatível, emitindo opiniões fundamentadas, com grande criatividade. Era cético em tudo, mas de forma construtiva, levando os amigos a concordarem com os seus comentários.

Naquele dia comentava-se a popularidade dos políticos do país. Celso surpreendeu os amigos com uma análise sobre o comportamento de algumas figuras públicas. Primeiro fez uma resenha da história dessas pessoas desde que apareceram na ribalta da comunicação social. E ia fazendo o paralelismo com empresas e até com marcas de produtos famosos. Dizia: o que catapultou na juventude o nosso vizinho aqui em frente para as primeiras páginas dos jornais, a sua irreverência, brilhantismo nas discussões e criação de cenários para tudo e mais alguma coisa, como comentador televisivo, também está agora a virar-se contra si pelo descontrolo e excesso em querer pronunciar-se sempre sobre a espuma dos dias, banalizando a sua intervenção e caindo na armadilha de que “quem muito fala pouco acerta”. Com muitas empresas passou-se o mesmo: foram bem-sucedidas, adormeceram à sombra do seu sucesso, mantendo o modelo, e quando deram conta estavam a ser ultrapassadas, e algumas desapareceram mesmo- exemplo da Kodak. Ou quando um produto não é sucessivamente objeto de renovação de imagem e de conceito tende a ser esmagado pela concorrência.

- É a subida e a descida da montanha, ripostou excitado o amigo Juliano.

- Na Teoria Económica, esses comportamentos são bem traduzidos pela curva de Gauss, ou curva em forma de sino, acrescentava Tristão. E nesse sentido, podemos traduzir esses comportamentos como subidas e descidas da montanha, sem dúvida, concluiu.



Desfiando o fio da escrita

(Continuação)

- O que me estão a dizer assusta-me, retorquiu Celso. Então, uma pessoa que com toda a sua energia subiu a montanha, quer dizer, com muito trabalho subiu ao topo, pode também dar uma grande queda se, na

idade da reforma, em que estamos, insistir em continuar a trabalhar com o mesmo empenho, mas já sem energias?

- Olha para alguns exemplos que apontaste e tens a resposta, respondeu Tristão. Faz-me lembrar um rapaz para quem o desporto foi das coisas mais importantes na sua juventude, pelas amizades que criou, mas que, não avaliando bem as suas energias, deu cabo da sua vida ao continuar na meia idade a praticar o mesmo desporto com o mesmo ritmo – claro que estragou a sua vida profissional porque estava sempre a apanhar lesões...

- E eu estou a lembrar-me de alguém que, desde que começou a ter sucesso na sua vida profissional, só pensa em trabalhar mais e mais, não dando a suficiente atenção a outros aspetos da vida, incluindo a família. Os resultados são muito desequilibrados, sucesso nuns aspetos, crise noutras facetas da vida. Também lhe vai acontecer que, se insistir no modelo, este vai virar-se contra si, levando a uma fase final de sofrimento. É o velho desafio de equilibrar a vida profissional com a vida familiar, exclamou Tristão.

- É a Curva de Gauss, exclamou Celso, a famosa curva em forma de sino, é a montanha!

- Vamos lá então escarpelizar melhor o conceito, ripostou Tristão. O que devemos fazer para não cairmos na armadilha da montanha?

- Fazer coisas diferentes, ajustando o esforço ao ritmo das nossas forças, disse Juliano sem hesitação.

- Mas nós já estamos a fazer isso ao criticarmos o que se passou com figuras públicas, insistiu Celso. Estamos a fazer o que nos dá gozo, aprendendo com os erros dos outros e arranjando modelos teóricos para explicar comportamentos. Podíamos começar a escrever sobre estes temas, acrescentou.

- Isso é para ti que tens jeito para a escrita, observou Juliano. Nós podemos falar, só falar, e tu escreves!

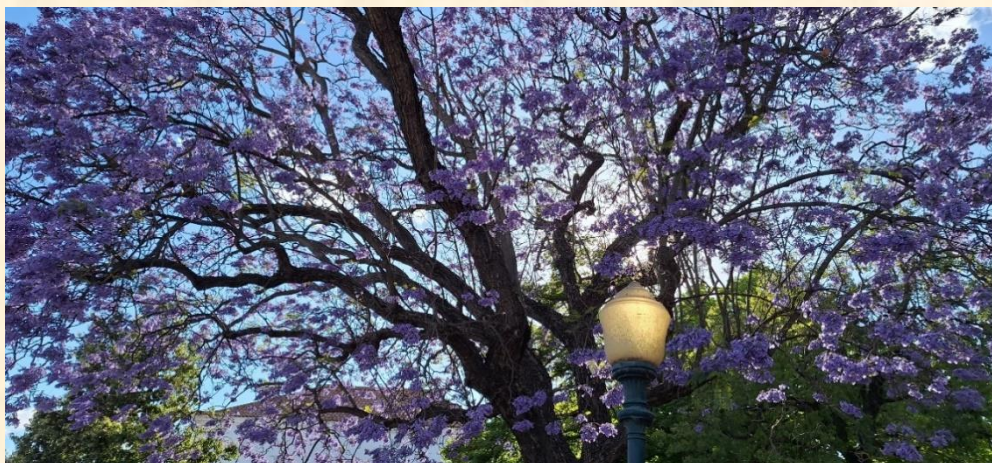
- Olha quem vai ali, clamou Tristão. Parece ser o rei do Norte, o tal que oferecia muita fruta aos árbitros de futebol. Agora está em queda...é mais um a quem se aplica a curva em forma de sino. Deve ter vindo a Lisboa aprender como se vai safar desta vez. Se calhar veio à consulta sobre Alzheimer, a conselho do que também chegou a ser dono disto tudo, não no futebol, mas na banca.

- O pintinho vai precisar de apoio neurológico para evitar tribunais, agora que perdeu a carapaça presidencial do clube, digo eu, aqui que ninguém nos ouve, rematou Juliano.

É a curva, a descida da montanha, o que leva ao sucesso também pode levar à destruição desse sucesso, a arrogância e a vaidade toldam a lucidez, e quando tudo isto se junta é a descida da montanha, concordaram.

Desfiando o fio da escrita

No auge da sua beleza



Chega maio e com ele regressa o lilás azulado dos jacarandás. Em Lisboa podemos vê-los nas zonas de Belém, Restelo, Marquês, Campo Pequeno e também em algumas zonas de urbanização recente. A foto é do jardim do Museu Nacional de Arte Antiga, no meio de belas árvores, já centenárias, e foi tirada em 18 de maio. Como tudo o que é belo, a flor do jacarandá tem uma duração curta, a chamativa floração de cor violeta acontece em poucos dias e em breve a flor começa a cair ao de leve no passeio, cobrindo o chão, qual leque e cores de pavão passeando calmamente pela sombra. No fim do ciclo, sobram as folhas, de cor verde acinzentado, importantes para quebrar a intensidade do sol de verão, sendo que em climas menos temperados podem deixar cair as folhas como defesa face ao frio.

Os amantes da primavera e verão veem chegar os jacarandás como o alerta de que se devem apressar para gozar os dias grandes, as noites descontraídas- é preciso garantir os bilhetes para os festivais, marcar férias, aumentar as visitas a ginásios, escolher os novos modelos de fatos de banho, o ponto alto do ano está a chegar!

Gozando o sol e a brisa do passeio marítimo de Oeiras, dois amigos falavam sobre as diversões de verão que se avizinham e da imensa oferta cultural e musical anunciada para os meses seguintes. Tinham almoçado com as suas companheiras na zona de Belém, povoada por uma imensidão de turistas que contemplavam os jacarandás como algo raro nos seus países de origem.

- Devem estar no auge da sua beleza, dizia um deles.

- Espera lá, eu escrevi essa frase numa carta quando tinha doze anos, para traduzir a ideia de que o jardim estava bonito.

- Qual jardim, perguntou o amigo.

- O meu pai era o encarregado de uma casa agrícola onde havia um palacete com um grande jardim. Um dia aleijou-se na mão e pediu-me para eu escrever uma carta aos patrões dando conta do andamento dos trabalhos agrícolas. E acrescentou, “escreve que o jardim está bonito”. Então, eu escrevi aquela frase que tu disseste: “o jardim está no auge da sua beleza”. A senhora dona das suas quintas quis saber quem escreveu aquilo, já que a letra não era a habitual. Não queria acreditar que tinha sido um miúdo de doze anos...

Vinte anos mais tarde, num casamento, essa senhora referiu o episódio, comentando a beleza das magnólias desse mesmo jardim.

Vítor Carvalho



Desfiando o fio da escrita

Nova Atena - Universidade Sénior de Linda-a-Velha
Coordenação e design gráfico - Midá Sá-Chaves